



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS**  
**CLÁSSICAS – LIP**

**ISABELLA GONÇALVES DIAS MOTA**

**IMPACTO DO BOLSONARISMO NA PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS**  
**CONTRA LGBTQIA+:**  
**Uma análise crítica do discurso da Rádio Jovem Pan**

Brasília – DF  
2023

**Isabella Gonçalves Dias Mota**

**IMPACTO DO BOLSONARISMO NA PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS  
CONTRA LGBTQIA+:  
Uma análise crítica do discurso da Rádio Jovem Pan**

Artigo científico apresentado na disciplina  
Projeto de Curso como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciada em Letras  
Português.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Viviane Cristina Vieira.

Brasília – DF  
2023

Às vidas dizimadas pela covid-19.  
Às vítimas da ideologia fascista de Jair  
Bolsonaro.  
Aos (às) que lutam pela defesa da  
democracia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à querida Viviane Vieira, por ter topado me orientar. Obrigada por toda compreensão, pelo carinho e pela paciência (risos)!

Agradeço às amigas que fiz no Senado Federal: Beatriz, Bruna, Emilly, Luana, Mariellen e Rebeca, por estarem comigo diariamente durante essa jornada. Obrigada por ouvirem meus desabafos e por me motivarem todos os dias a finalizar esta pesquisa. Agradeço, em especial, a Beatriz pela brilhante revisão, sem ela este trabalho não seria o mesmo.

Agradeço também a Isadora Robayo, por toda leveza que me trouxe, pelo ombro amigo e pelos barzinhos de quinta-feira à noite. Você é parte especial desta conquista.

Agradeço a minha mãe, Caliandra Dias. Sem ela eu não teria chegado onde cheguei. Obrigada por ser meu grande alicerce!

Registro, por fim, meus agradecimentos aos meus dois irmãos Rubens e Henrique. Ao Rubens, principalmente, que generosamente leu esta pesquisa e fez apontamentos importantes.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito investigar o discurso da Rádio Jovem Pan na representação de agendas de igualdade de gênero e de diversidade sexual nos anos de 2018 e 2022, sob o governo de Jair Bolsonaro. Para fundamentar o estudo, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), com foco nos estudos de Fairclough (2003) sobre o discurso como ação, relação e identificação, bem como nos estudos de Thompson (2011) sobre os modos de operação da ideologia e sobre comunicação de massa. Os resultados indicam que a disseminação de informações falsas sobre as agendas de igualdade de gênero e de diversidade sexual, teve potencial para naturalizar desigualdades e deslegitimar políticas que visavam garantir a integridade física de mulheres e pessoas LGBTQIA+.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica. Gênero e Sexualidade. Mídia. Ideologia.

## **ABSTRACT**

The purpose of this research is to investigate the discourse of Radio Jovem Pan in the representation of gender equality and sexual diversity agendas in the years 2018 and 2022, during Jair Bolsonaro's government. To support the study, the theoretical-methodological assumptions of Critical Discourse Analysis (CDA) were used, with a focus on Fairclough's (2003) studies on discourse as action, relation, and identification, as well as Thompson's (2011) studies on the modes of operation of ideology and mass communication. The results indicate that the dissemination of false information about gender equality and sexual diversity agendas had the potential to naturalize inequalities and delegitimize policies aimed at ensuring the physical integrity of women and LGBTQIA+ people.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Gender and Sexuality. Media. Ideology.

## APRESENTAÇÃO

Nas últimas duas décadas, os movimentos feministas e LGBTQIA+ conquistaram direitos importantes para promoção da igualdade de gênero e da diversidade sexual na esfera legal<sup>1</sup>. Porém, essas conquistas ainda não representam a realidade que lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis e demais dissidências sexuais e de gênero enfrentam, como falta de acesso a direitos básicos, exclusão, discriminação e violência<sup>2</sup>.

Em 2022, pelo quarto ano consecutivo, o Brasil foi apontado como país com maior número de assassinatos de pessoas LGBTQIA+<sup>3</sup>. Esse fato reflete os debates públicos em torno dos temas de gênero e sexualidade, bem com as posições preconceituosas<sup>4</sup> do ex-presidente Jair Bolsonaro durante seus mandatos como parlamentar e como presidente da República, de 2019 a 2022.

Em nome dos “valores familiares”, dos princípios morais cristãos e dos “bons costumes”, a figura política de Jair Bolsonaro tem contribuído, desde 1998, para a estigmatização das discussões em torno das agendas de gênero no parlamento brasileiro<sup>5</sup>. Vale lembrar de suas declarações contrárias ao Programa Nacional de Direitos Humanos de 2009 (PNDH-3) e ao Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2011-2020, os quais ele apelidou de “kit gay”, acusando-os de serem estímulos ao “homossexualismo” e à promiscuidade.

O trecho seguinte da entrevista que Bolsonaro concedeu à Rádio Viva FM, em janeiro de 2022, demonstra como o discurso contra uma educação voltada para igualdade de gênero e diversidade sexual tem sido “sofisticado”, reiterado e reafirmado por mais de uma década por esse ator social:

Com o passar do tempo, lá em 2010, tinha acabado as eleições, e eu denunciei o tal do PNDH3, um projeto do governo do PT que tinha 180 capítulos voltados para outros tipos de família. Ninguém é contra duas pessoas conviverem no seu canto, e vá ser feliz, cada um faz o que bem entender da sua vida e quem acredita, né, vai ver depois como se entende lá na frente quando deixar essa terra, a gente não entra nessa

---

<sup>1</sup> STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa. Supremo Tribunal Federal, 2019. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>. Acesso em: 25 jan. 2023.

<sup>2</sup> As dificuldades enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+. Fundo Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/as-dificuldades-enfrentadas-pelas-pessoas-lgbtqia/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>3</sup> Ver dossiês do [Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil](#).

<sup>4</sup> Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. IstoÉ. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

<sup>5</sup> Ver *Bolsonaro e seus seguidores: o horror em 3.560 frases (2022)* de Walter Barretto Jr.

seara. Um dos capítulos mais importantes desses 180, era a desconstrução da heteronormatividade, o que é isso? É dizer que homem e mulher não existem, existem dois seres qualquer que se juntam e passam a ser uma família e ponto final. Então, formou-se uma briga muito grande, eu entrei contra ela, tivemos sucesso em parte, porque não é fácil lutar contra essas pautas num governo de esquerda, governo do PT. Mas, com o passar do tempo, isso potencializou a gente por ocasião das eleições. A família é sagrada, não se discute isso daí. Todas as pessoas que estão aqui na Terra vieram de um homem e de uma mulher. Se bem que, hoje em dia, já tem a pessoa da inseminação artificial. Mas vieram, no fundo, de um homem e de uma mulher. Isso tem que ser respeitado, nos ajuda a viver em harmonia e em paz. Nos ajuda a ter um prazer com o futuro dos nossos filhos. E é isso que a esquerda sempre quis destruir.<sup>6</sup>

A partir de sua posição contra os mencionados projetos, Bolsonaro ganhou o apreço da bancada evangélica no Congresso Nacional, ampliando seus horizontes políticos. Toitio (2020, p. 81) aponta que a fixação de Bolsonaro contra direitos sexuais e reprodutivos foi uma estratégia que resultou em “um dos eixos principais de aglutinação e mobilização de sua base política [...] o que não deixava de expressar os afetos e pensamentos dele em relação ao tema.”

A difusão de *fake news* em torno do “kit gay” retornou com força total durante a campanha eleitoral de 2018, e foi fundamental para Bolsonaro vencer as eleições daquele ano<sup>7</sup>. Ao reafirmar a farsa do “kit gay”, o então candidato cria repercussão nacional acerca dos debates sobre gênero e sexualidade. A repercussão serviu não para discutir as agendas de justiça social, mas para mobilizar discursos ideológicos à serviço da hegemonia patriarcal cisheteronormativa.

A consolidação de Bolsonaro como um dos principais adversários das pautas LGBTQIA+ lhe rendeu grande espaço na mídia. Principalmente em mídias como a Rádio Jovem Pan, que se utiliza da radicalização e do discurso de ódio para monetização de seu conteúdo.

Assim, este estudo tem por objetivo analisar o discurso da Rádio Jovem Pan na produção e difusão de discursos de ódio contra minorias sexuais e de gênero. A escolha desse veículo de comunicação não é por acaso. Nos últimos quatro anos, a direção da Rádio Jovem Pan tem sido defensora fiel do ex-presidente Bolsonaro e da ideologia do Bolsonarismo.

---

<sup>6</sup> A entrevista pode ser conferida na íntegra na publicação do *Facebook* da entrevistadora Lauriete disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=950818555812752>.

<sup>7</sup> A eleição do “kit gay”. A Publica, 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/a-eleicao-do-kit-gay/>. Acesso em: 15 fev. 2023.



Bolsonarismo pode ser definido como um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo. (FREIXO; PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 19).

Para o desenvolvimento da pesquisa, estabeleci os seguintes objetivos específicos:

- 1) Mapear a conjuntura em que surge o ator social Jair Bolsonaro como um nome de destaque contra a agenda dos movimentos feministas e LGBTQIA+;
- 2) Apresentar como pessoas LGBTQIA+ são representadas por Bolsonaro;
- 3) Desvelar como as desigualdades de gênero e sexualidade foram expressas, constituídas e legitimadas pela Rádio Jovem Pan.

A fim de atender a esses objetivos, o artigo foi dividido em 4 seções. Na primeira seção, busco estabelecer um marco teórico sobre os estudos de gênero e sexualidade, os quais deram início a uma disputa em torno desses saberes. Aponto, ainda, como o discurso acerca da sexualidade serviu para regular práticas sexuais, corpos e desejos, apresentando, também, os estudos críticos do discurso.

Na segunda seção, faço uma análise da conjuntura em que surge o ator social Jair Bolsonaro como um nome de destaque contra direitos reprodutivos e sexuais, o que serviu para ampliar sua base de apoio. Na seção seguinte, faço uma análise da prática social particular da Rádio Jovem Pan, e comento os aspectos teórico-metodológicos adotados para geração e análise de dados. Por último, a seção de análise visa apontar as estratégias discursivas pelas quais Bolsonaro constrói uma representação particular e como, dessa forma, esses discursos podem agir sobre o mundo, constituindo representações particulares que podem ter efeito potencial discriminatório nas relações de identidade e poder.

## **1. GÊNERO, SEXUALIDADE E DISCURSO**

As disputas em torno dos saberes sobre gênero e sexualidade não são propriamente novas. Biroli, Vaggione e Machado (2020) marcam a temporalidade dessa disputa a partir da produção teórica feminista da década de 1970, em que o conceito de gênero é mobilizado para análise das relações sociais. Em um primeiro momento, esse conceito se apresenta como instrumento teórico para distinguir os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Por meio de uma compreensão histórica dessas divisões entre os sexos, o

ativismo feminista da época tinha como exigência principal a cidadania plena para mulheres e homens.

Na maior parte da história, a discriminação entre os gêneros “foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 17). Nesse sentido, o pensamento feminista foi importante ao denunciar essa situação como efeito da ideologia patriarcal que opera para a reprodução de assimetrias.

Duas décadas depois do período que marca o início da produção feminista, em 1990, Judith Butler publica *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, importante obra que discute a abordagem de gênero e suas controvérsias na teoria feminista. Nesse livro, Butler questiona se o sexo, assim como o gênero, seria “produzido discursivamente por vários discursos científicos a serviço de interesse políticos e sociais” (BUTLER, 2003, p. 25).

Dessa forma, Butler põe em xeque a noção de que existe a categoria sexo como algo natural e, em contrapartida, a categoria gênero como socialmente construída, evidenciando que ambas as categorias são construídas. A autora pontua que a naturalização da categoria sexo como não construída e pré-discursiva é o que assegura a hegemonia da estrutura binária macho e fêmea.

Da mesma forma, no escopo dos estudos do discurso, Foucault questiona o dispositivo da sexualidade para o controle de corpos, de comportamentos e das relações sociais. No primeiro volume de *História da Sexualidade* (1976), o filósofo aponta a disputa de poder entre Estado e indivíduo sobre “toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e injunções” (FOUCAULT, 1988, p. 33). Foucault revela que os governos perceberam a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos, transformando o comportamento sexual de casais em uma conduta econômica e política deliberada:

No cerne deste problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. (FOUCAULT, 1988, p.32).

Nesse escopo, o discurso acerca do sexo serviu para regular as práticas sexuais, corpos e desejos. O desvelamento da ideologia patriarcal, por essas produções intelectuais

e pelo ativismo do movimento feminista, colocou em disputa o controle populacional e da sexualidade:

Assim, ainda que se possa destacar a persistência do conservadorismo no que diz respeito ao controle da reprodução e da sexualidade – sobretudo se tivermos em mente o foco na família heteronormativa como instituição a ser preservada –, a noção de gênero e a participação ativa dos movimentos feministas nas disputas pela normatização de direitos nos anos 1990 constituem uma inflexão que instauraria novas temporalidades políticas. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 19).

A luta pela autonomia reprodutiva e direitos sexuais, ao encontrar oportunidade para transformar-se em leis e em políticas públicas (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 135), desestabilizou a ordem sexual defendida por grupos neoconservadores. Esses grupos, compostos por atores com interesses distintos, se uniram para bloquear avanços nos campos de direitos sexuais e, em alguns casos, legitimar a censura (p. 22).

Para este estudo, me concentrarei sobre como a agenda contrária à igualdade de gênero foi ativada, no Brasil, pelo ator político Jair Bolsonaro. Bolsonaro, para essa investida, contou com a ajuda de setores evangélicos conservadores. Os meios de comunicação também foram um instrumento importante para a disseminação de informações falsas sobre as agendas de igualdade de gênero e de diversidade sexual, naturalizando desigualdades e deslegitimando políticas que visavam garantir a integridade física de mulheres e pessoas LGBTQIA+.

A agenda contra a suposta “ideologia de gênero” tem como concepção a defesa da família cisheteronormativa e de uma sexualidade e produção da vida com base nos valores cristãos:

Um dos aspectos dessa defesa é o louvor a uma antiga ordem na qual os papéis de gênero seriam “mais claros” e as mulheres cuidavam das demandas da vida familiar cotidiana enquanto os homens podiam “assumir os encargos da masculinidade (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 149).

O discurso sobre “ideologia de gênero”, além de servir para deslegitimar as políticas públicas para mulheres e LGBTQIA+, intensificou a discriminação contra mulheres e corpos e vivências não cisheterossexuais. Para compreender a relação dialética entre o discurso antigênero do bolsonarismo e a crescente violência contra LGBTQIA+, o estudo dos aspectos discursivos foi crucial.

Os estudos críticos do discurso surgem com o objetivo de desvelar projetos particulares de dominação que sustentam distribuição desigual de poder. O poder, para a

Análise de Discurso Crítica (doravante, ADC), é instável, a qual caracteriza o conceito de luta hegemônica. Assim, “a luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 24).

Na concepção da ADC, o discurso é entendido como um momento de toda a prática social. “Nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 15).

O discurso como parte irreduzível da vida social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) influencia e é influenciado pelas demais partes dessas práticas (fenômeno mental, relações sociais, atividade material). Isso significa que “a linguagem constitui-se socialmente, mas também tem consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14).

Fairclough (2003, p. 26) esclarece que, por outro lado, o discurso também pode ser entendido como “modo particular de representar parte do mundo”, ligado a interesses específicos. Quando Bolsonaro se refere a um conjunto de recursos didáticos para trabalhar a discriminação contra LGBTQIA+ nas escolas como “kit gay”, significa uma maneira particular de representar a luta contra o preconceito, associadas a projetos particulares, como a manutenção da hegemonia cisheteropatriarcal. Nesse sentido, o efeito da disseminação desse discurso particular estaria entre as explicações para o aumento de violência contra pessoas LGBTQIA+.

Para entender como perspectivas favorecem algumas pessoas em detrimento de outras, sustentando assimetrias de poder, é importante conhecer o conceito de ideologia segundo o posicionamento crítico de Thompson (2011). Segundo o teórico, ideologia é um conceito inerentemente negativo, em que, por meio de uma representação particular de mundo (discursos potencialmente ideológicos), em circunstâncias particulares, é possível sustentar relações de dominação.

Dessa forma, é possível compreender que o poder e a dominação são mantidos por discursos particulares, apresentados como únicos possíveis, legítimos e, geralmente, senso comum. Assim, a ADC preocupa-se em desvelar os aspectos problemáticos dessas representações particulares que contribuem para as desigualdades de poder.

Porém, as análises discursivas críticas não se baseiam apenas no aspecto discursivo das práticas. É preciso compreender a relação dialética entre os momentos da prática social, “para mostrar como o momento discursivo trabalha na prática social, do

ponto de vista de seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 67).

Levando em conta esse aspecto da ADC, para a explanação crítica da representação de LGBTQIA+, será feita uma análise da conjuntura em que surge o ator social Jair Bolsonaro como um nome de destaque contra direitos reprodutivos e sexuais.

## **2. BOLSONARISMO NA OFENSIVA ANTIGÊNERO**

Um dos principais obstáculos para superação das assimetrias de gênero e sexualidade tem sido a aliança antipluralista de políticos de extrema direita e grupos religiosos. Essa aliança viabilizou a ação conjunta de atores, cujos interesses são originalmente distintos, contra direitos de mulheres e pessoas LGBTQIA+ (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020).

Neste estudo, importa compreender a trajetória do ator social Jair Bolsonaro, como um deputado do baixo clero que, ao se colocar contra qualquer avanço da pauta LGBTQIA+ no Congresso Nacional, ganhou grande visibilidade pública.

O ano-chave foi 2011, em que foi apresentado na Câmara dos Deputados os primeiros resultados do projeto “Escola sem Homofobia”<sup>8</sup>. O principal objetivo do projeto era de oferecer ferramentas didático-pedagógicas para professores da rede pública de ensino discutirem sexualidade com os alunos do ensino médio. Nessa ocasião, Bolsonaro fez um discurso surpreendente em que afirma que “está sendo distribuído um ‘kit gay’ que estimula o homossexualismo e a promiscuidade<sup>9</sup>.”

Desde 2011, o combate ao projeto Escola sem Homofobia, a partir da mentira do inexistente “kit gay”, deu início ao pânico moral em torno do tema. Em diversas ocasiões, ele acusou o material de “estimular o homossexualismo” e de “escancarar as portas para a pedofilia”.

Esse posicionamento pode ser entendido num contexto maior de reação conservadora às conquistas dos movimentos feministas e LGBTQIA+ na esfera legal. Nesse contexto, instaurou-se uma disputa entre atores religiosos conservadores e ativistas dos direitos humanos. Nas controvérsias, os grupos conservadores consideravam os princípios morais violados pelas demandas de movimentos feministas e LGBTQIA+.

---

<sup>8</sup> Conheça o “kit gay” vetado pelo governo federal em 2011. Nova Escola, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 22 fev. 2023

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kwHmrkzR6GA>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Entre os atores conservadores, a natureza é situada como determinante das aptidões e dos papéis, prevalecendo sobre as dinâmicas sociais. A complementariedade entre os sexos não é entendida como uma questão do âmbito da cultura ou da crítica, mas como aquilo que seria necessário preservar em nome da ordem natural e social. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 20)

No Brasil, a reação conservadora se materializou com deputados e senadores – religiosos e não religiosos – disputando lugares estratégicos nas comissões da Câmara e do Senado relativas às questões de gênero e sexualidade. Como foi o caso de Marco Feliciano<sup>10</sup> e Jair Messias Bolsonaro.

Em fevereiro de 2014, Bolsonaro candidatou-se à Comissão de Direitos Humanos. Essa foi uma estratégia política para Bolsonaro ampliar sua base de apoio dentro e fora do Congresso Nacional. Projetando-se, então, como um defensor da família e da pauta de costumes, que foi abraçado com força pelo eleitorado evangélico. Nesse mesmo ano, ele foi eleito como deputado federal mais votado do Rio de Janeiro, com cerca de 500 mil votos<sup>11</sup>.

Nos anos seguintes, Bolsonaro continuou como principal opositor das agendas dos movimentos feministas e LGBTQIA+, contribuindo para a deslegitimação dos movimentos sociais e estigmatização de corpos dissidentes da cisheteronormatividade.

Aos poucos, o léxico bolsonarismo se expandiu (TOITIO, 2020, p. 83) o termo “kit gay” dividiu espaço com o termo “ideologia de gênero”. A “ideologia de gênero” é uma das narrativas utilizadas por atores conservadores para restringir as agendas de igualdade de gênero e da diversidade sexual. Por meio da difusão do discurso contra uma suposta “ideologia de gênero”, Bolsonaro intensificou a discriminação existente, criando um inimigo invisível a ser combatido.

O alcance do Bolsonarismo como movimento de massas se deve, entre outros fatores, a canais do *YouTube* de extrema-direita, que desempenham o papel fundamental na circulação de notícias falsas e na desinformação sistemática<sup>12</sup>.

Aqui destaco o papel da Rádio Jovem Pan na circulação e produção de discursos contra pessoas LGBTQIA+. A Jovem Pan é hoje a maior rádio em número de ouvintes e

---

<sup>10</sup> Pastor Marco Feliciano é eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos. Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/397509-pastor-marco-feliciano-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>11</sup> Jair Bolsonaro é o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro. Congresso em Foco, 2014. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/jair-bolsonaro-e-o-deputado-federal-mais-votado-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>12</sup> Ver *Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônicas de um Brasil Pós-Político* (2021), de João Cezar de Castro Rocha.

de afiliadas. Só no *YouTube*, a Jovem Pan acumula mais de 250 milhões de visualizações por mês<sup>13</sup>. E eles têm usado sua audiência para colocar à disposição conteúdo favorável ao ex-governo Bolsonaro e à agenda bolsonarista, difundindo narrativas paralelas. O alcance e a potência desses discursos garantiram a hegemonia cisheteropatriarcal, como veremos adiante.

### 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Neste estudo, busquei investigar a prática discursiva da Rádio Jovem Pan na disseminação e legitimação de discursos que sustentam relações desiguais de poder nos campos de gênero e sexualidade.

A Rádio Jovem Pan é conhecida por monetizar o inaceitável<sup>14</sup>. Desde a criação do programa de humor questionável e escrachado, *Pânico*, os apresentadores constrangiam e humilhavam convidados, e até mesmo os ouvintes, num verdadeiro show de bullying, misoginia, racismo e LGBTfobia, tendo sido alvo de diversos processos judiciais<sup>15</sup>.

A partir de meados de 2014, o programa ganhou um forte tom político, a fim de abraçar o público antipetista que estava surgindo a partir das manifestações daquele ano. Assim, o programa tornou-se porta-voz da direita liberal jovem e do antipoliticamente correto<sup>16</sup>.

No *Pânico*, Bolsonaro sempre teve palanque para proferir mentiras e disseminar ódio contra minorias. Desde que assumiu o Planalto, em 1º de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro concedeu 135 entrevistas exclusivas à emissora<sup>17</sup>. Em diversas ocasiões, Bolsonaro teceu elogios à Rádio<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Jovem Pan vira sinônimo de sucesso nas mídias digitais e bate recordes no YouTube. Jovem Pan, 2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/jp-80-anos/ceo-do-grupo-jovem-pan-explica-com-marca-virou-sucesso-nas-midias-digitais-e-bateu-recordes-no-youtube.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>14</sup> Jovem Pan e a monetização do inaceitável. Radioamantes, 2021. Disponível em: <https://radioamantes.com/2021/09/27/jovem-pan-e-a-monetizacao-do-inaceitavel/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>15</sup> Veja os processos judiciais e confusões que marcaram o programa “Pânico”. Uol, 2014. Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/album/2014/02/20/veja-os-processos-judiciais-que-marcaram-o-programa-panico.htm#fotoNav=9>. Acesso em: 16 fev. 2023.

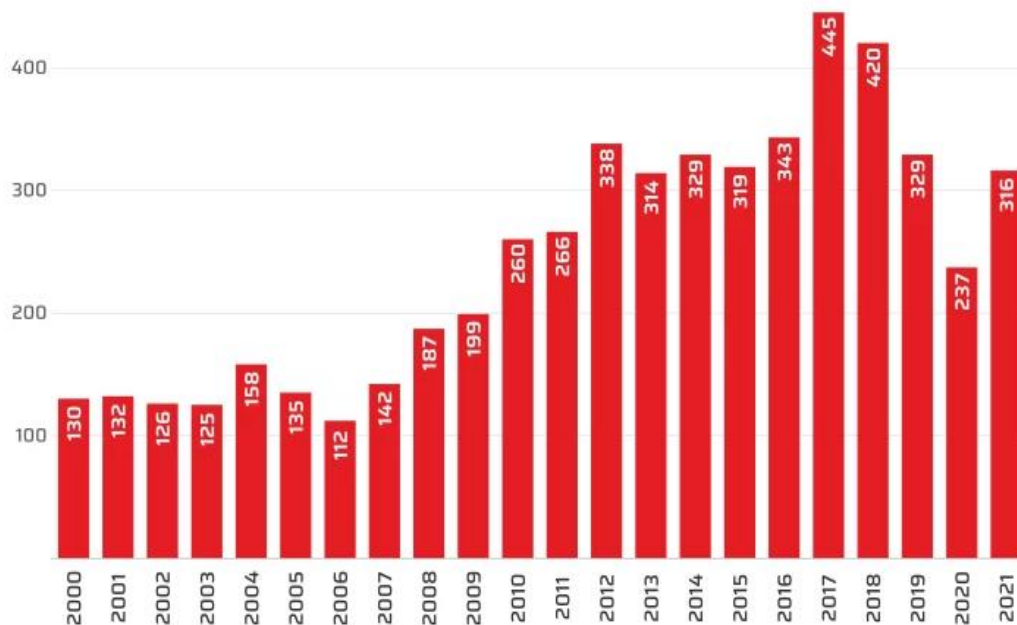
<sup>16</sup> Seria a Jovem Pan de hoje a TV Globo da ditadura militar?. IstoÉ, 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/seria-a-joven-pan-de-hoje-a-tv-globo-da-ditadura-militar/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>17</sup> Bolsonaro deu 135 entrevistas exclusivas desde a posse; Jovem Pan é a mais atendida. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-deu-135-entrevistas-exclusivas-desde-a-posse-jovem-pan-e-a-mais-atendida/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>18</sup> “Agradeço ao grupo Jovem Pan por promover um jornalismo de verdade”, afirma Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/RyIoQMrsMkc>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Enquanto isso, no Brasil, os casos de violências contra pessoas LGBTQIA+ possuem índices alarmantes, como podemos observar na figura abaixo, produzida pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+<sup>19</sup>:

**Figura 1** – Número de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil entre 2000 a 2021



FONTE: Acontece LGBTI+, Grupo Gay da Bahia, Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2021.  
GRÁFICO: Carolina Menezes.

O Observatório ressalta que, apesar dos números já representarem perda significativa de pessoas, apenas por sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, os dados sobre mortes e violências contra a comunidade LGBTQIA+ ainda são subnotificados. Isso deve-se à ausência de dados governamentais, logo as informações utilizadas para limitação metodológica dessa pesquisa são de veículos de comunicação que, muitas vezes, omitem a identidade de gênero e orientação sexual das vítimas.

Em 2018, um dos anos em que pessoas LGBTQIA+ foram mais assassinadas no Brasil, a Jovem Pan fez uma campanha de péssimo gosto no Dia Internacional contra a Homofobia, a Transfobia e a Bifobia, em 17 de maio:

<sup>19</sup> Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 16 fev. 2023.



Figura 2 – Campanha #MinhaÚltimaMúsica



FONTE: Perfil oficial da Rádio Jovem Pan no *Twitter*.

Após diversas críticas, a Rádio excluiu a publicação. Essa campanha serviu, não para passar mensagem de inclusão ou combater a discriminação contra pessoas LGBTQIA+, mas sim para reforçar e naturalizar a estatística violenta e revoltante do Brasil. Infelizmente, esse não foi um caso isolado ou um erro da equipe de marketing. A Rádio, ao dar espaço e audiência para figuras como Jair Bolsonaro declararem o que quiserem, sem checagem de dados, ou opiniões contrárias para debater, também serviram para disseminação de discursos potencialmente ideológicos que podem afetar as práticas sociais.

Thompson (2011, p. 343) avalia que “o desenvolvimento da comunicação de massa<sup>20</sup> aumenta, significativamente, o raio de operação da ideologia nas sociedades modernas, pois possibilita que as formas simbólicas sejam transmitidas para audiências extensas e potencialmente amplas que estão dispersas no tempo e no espaço.”

Assim, com base na perspectiva ontológica e epistemológica da ADC, esta pesquisa qualitativa de cunho documental tem como principal material empírico os textos

<sup>20</sup> Thompson (2011, p. 288) concebe a comunicação de massa como: “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação.”.

de natureza informal da Rádio Jovem Pan. Os dados foram coletados de entrevistas que o Bolsonaro prestou para o programa nos anos de 2018<sup>21</sup> e 2022<sup>22</sup>. O gênero entrevista foi escolhido pois ele permite analisar a maneira com que os entrevistadores e entrevistados falam espontaneamente o que pensam.

Em seu estudo sobre a comunicação de massa, Thompson (2011, p. 300) afirma que o gênero entrevista torna o contexto espacial do entrevistado – e o próprio entrevistado – acessível ao espectador, embora de maneira mediada, o que possibilita ao entrevistado: “mostrar-se informal, espontâneo, versátil e dono da situação, e faz com que possa se comunicar com uma audiência como se fossem companheiros de conversa, como se fossem participantes de um diálogo continuado.”

Por meio do paradigma interpretativo crítico da ADC, que propõe “suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração/manutenção/superação de problemas sociais.” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 75), tracei algumas estratégias para alcançar o objetivo desta pesquisa, qual seja, investigar o potencial do discurso da Rádio Jovem Pan na disseminação de sentidos potencialmente ideológicos como forma de sustentação de assimetrias de poder entre pessoas dissidentes da cisheteronormatividade e pessoas que se enquadram nessa norma, alinhadas a princípios bolsonaristas:

- Como os textos materializam modos de representação desfavoráveis aos LGBTQIA+?
- Como esses textos podem agir sobre o mundo e sobre os/as potenciais receptores/as?
- Quais efeitos sociais potenciais esses textos podem ter?

Inicialmente, foram coletados 31 textos, produzidos entre 1998 a 2022, em que Bolsonaro promove violência e discriminação contra LGBTQIA+ mais ou menos explicitamente. Após sistematização dos dados coletados, o estudo teve como enfoque os anos em que Bolsonaro disputou as eleições para Presidência da República (2018 e 2022), o que permitiu, também, uma comparação entre os dados dos dois anos.

Dessa forma, delimito um *corpus* de 2 textos, representativos da posição de Bolsonaro contra pautas de gênero e sexualidade, as quais ele reduziu como “kit gay” e

<sup>21</sup> Bolsonaro: 'O Haddad criou o kit gay'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6C1j2Dekxzc&t=442s>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>22</sup>IMPLEMENTAÇÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO TIRA VISIBILIDADE DAS PAUTAS LGBTQIA+ Bolsonaro analisa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PSolWYym9JU>. Acesso em: 15 fev. 2023.

“ideologia de gênero”, tal posicionamento foi endossado por apresentadores do programa *Pânico* da Rádio Jovem Pan.

A ADC não se pretende neutra em sua análise, o que não compromete a cientificidade da pesquisa, mas impõe certas limitações a esse tipo de trabalho (FAIRCLOUGH, 2003), uma vez que “não há análises textuais ‘completas’, ‘definitivas’ ou ‘imparciais’. Toda análise é inevitavelmente seletiva” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 115). Sendo assim, as categorias analíticas e os próprios textos analisados foram selecionados para compreensão das práticas de violência e discriminação contra LGBTQIA+.

Para compreender como estratégias discursivas (construções simbólicas) podem estar ligadas a relações de dominação, analiso os modos gerais de operação da ideologia com base em Fairclough (2003) e Thompson (2011), que identificam as estratégias presentes nos discursos de forma a legitimar, unificar, fragmentar e reificar essas relações. Para este estudo, importam os seguintes modos e estratégias:

**Quadro 1** – Modos gerais de operação da ideologia

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
<b>LEGITIMAÇÃO</b> Relações de dominação são representadas, narradas como legítimas.	<b>RACIONALIZAÇÃO</b> – uma cadeia de raciocínios procura justificar um conjunto de relações/utilidade da ação institucionalizada/sistema de conhecimento perito/argumento de autoridade; tradição, costume, lei, autoridade institucional.
	<b>UNIVERSALIZAÇÃO</b> – interesses específicos são representados como interesses gerais.
	<b>NARRATIVIZAÇÃO</b> – exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente/legitimação por meio de narrativas.
<b>DISSIMULAÇÃO</b> Relações de dominação são ocultadas, negadas, mitigadas.	<b>DESLOCAMENTO</b> – deslocamento contextual de termos e expressões.
<b>UNIFICAÇÃO</b> Construção simbólica de identidade coletiva.	<b>PADRONIZAÇÃO</b> – um referencial padrão composto por fundamento compartilhado.
	<b>SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE</b> – construção de símbolos de unidade e identificação coletiva.

<b>FRAGMENTAÇÃO</b> Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante.	<b>DIFERENCIAÇÃO</b> – ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio coletivo.
<b>REIFICAÇÃO</b> Retratação, representação de uma situação transitória, social como permanente e natural.	<b>NATURALIZAÇÃO</b> – criação social e história tratada como acontecimento natural.

Fonte: Adaptado de Resende & Ramalho (2006, p. 52), com base em Thompson (2002a, p. 81).

Utilizei também categorias analíticas propostas por Fairclough (2003) em uma proposta interdisciplinar e tridimensional (texto, prática discursiva e prática social) que interliga as relações sociais e o discurso, sendo este um modo de representação e ação social, pelo qual é possível estruturar, reafirmar e contestar hegemonias no discurso.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados pretendeu estabelecer conexões dialéticas entre discurso e um complexo problema social, na tentativa de superá-lo. A análise se insere na abordagem teórico-metodológica da ADC, como ciência crítica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas, na qual “ocupa-se de *efeitos ideológicos* que sentidos de textos, como instâncias do discurso, possam ter sobre relações sociais, ações, interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, identidades.” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 75).

A partir das categorias analíticas, analisei como o discurso particular de Bolsonaro (representação) foi articulado e legitimado em entrevistas (gênero específico = ação/relação) que este concedeu à Rádio Jovem Pan nos anos de 2018 e 2022.

O primeiro texto de análise é trecho de uma entrevista publicado no canal do programa *Pânico*, da Jovem Pan, no *YouTube* em outubro de 2018. O título do vídeo é “*Bolsonaro: ‘O Haddad criou o kit gay’*” e atingiu quase 150.000 visualizações. O segundo texto analisado também é trecho de uma entrevista do programa *Pânico* ao ex-presidente Bolsonaro, intitulado “*IMPLEMENTAÇÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO TIRA VISIBILIDADE DAS PAUTAS LGBT+? Bolsonaro analisa*”. Publicado em agosto de 2022, o vídeo conta com 27.132 visualizações. As duas entrevistas estão referenciadas nas notas de rodapé [20] e [21].

#### 4.1 Avaliação e Modalidade

As categorias “avaliação” e “modalidade” estão relacionadas a estilos que, por sua vez, representam os significados identificacionais, ligados a avaliações pessoais particulares. Nessas duas categorias, analisamos quais as perspectivas dos locutores sobre aspectos do mundo, sobre o que avaliam como positivo ou negativo, ou o que desejam ou não; bem como as maneiras com que os sujeitos se comprometem com aquilo que dizem (FAIRCLOUGH, 2003).

Como modo particular de se posicionar, as avaliações e modalidades são sempre parciais e, por isso, refletem processos de identificação particulares que podem atuar em favor de projetos de dominação (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 119).

As avaliações podem ocorrer por meio de traço textuais como afirmações avaliativas, afirmações com modalidade deônticas, avaliações afetivas e presunções valorativas. A modalidade é analisada a partir de marcas textuais explícitas e implícitas. Fairclough (2003, p. 169) elucida que “os marcadores arquetípicos da modalidade são ‘verbos modais’ (poder, querer, dever, seria, deveria etc), embora haja, de fato, muitas outras maneiras em que a modalidade é marcada.<sup>23</sup>”

Para análise dessas categorias, me baseio no quadro analítico proposto por Resende e Ramalho (2011, p. 116), adaptado de Fairclough (2003, p. 191-194):

**Quadro 2** – Categorias analíticas para o significado identificacional

<b>MODALIDADE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Como os autores se comprometem em termos de verdade (modalidades epistêmicas) e em termos de obrigação e necessidade (modalidades deônticas)?</li> <li>● Em que extensão as modalidades são categóricas (afirmação, negação)? Em que extensão são modalizadas (com marcadores explícitos de modalidade)?</li> <li>● Que níveis de comprometimento se observam (alto, médio, baixo) quando há marcadores explícitos de modalidade?</li> <li>● Quais são os marcadores de modalização (verbos modais, advérbios modais etc.)?</li> </ul>
<b>AVALIAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Com que valores (em termos do que é desejável ou indesejável) o/a autor/a se compromete?</li> <li>● Como valores são realizados - como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deônticas, afirmações com</li> </ul>

<sup>23</sup> Tradução nossa.

	processos mentais afetivos, valores presumidos?
--	---

FONTE: Resende e Ramalho (2011, p.116), adaptado de Fairclough (2003 p.191-194).

Veremos a aplicação das categorias nos excertos de (1) a (7)<sup>24</sup>:

- (1) Esse cara *quer* que o filho seja *melhor* que ele, e não que ele tenha um comportamento *diferente da normalidade, ao qual ele veio a Terra.* (Bolsonaro)
- (2) Um pai ou uma mãe *quer* que seu filho  *siga uma carreira* e que ele seja *instruído na escola e educado em casa.* (Bolsonaro)
- (3) os pais *não querem* chegar em casa e ver os *filhos brincando de boneca.* (Bolsonaro)
- (4) você *não pode* pegar uma criança de 5, 6 anos de idade e dizer: “agora você vai ser Joãozinho, ou Mariazinha, você decide sua vida”. (Bolsonaro)
- (5) *Pelo menos* era aranha com cobra, *hoje em dia* é luta de minhocas. (Rodrigo Constantino)
- (6) Você *quer* que seu filho aprenda *essas práticas* a partir dos 6 anos na escola? (Bolsonaro)
- (7) *Mesmo os gays* que têm filhos, *não querem* isso para seu filho em sala de aula. (Bolsonaro)

Nesses excertos, Bolsonaro declara, como se fosse uma vontade geral, que os pais não querem que os filhos apresentem comportamentos fora da cisheteronormatividade. Para isso, ele utiliza marcadores explícitos de modalidade como “*quer/não quer*” (1), (2), (3), (6) e (7). Além disso, nota-se que Bolsonaro constrói uma identificação negativa de pessoas LGBTQIA+, no excerto (1), em que ele faz um julgamento de valor social, utilizando o adjetivo “*melhor*”, como se ser LGBTQIA+ fosse ser inferior a alguém e algo não desejado pelas famílias.

Ademais, o ex-presidente avalia que esses comportamentos diferem da “*normalidade*” (1), deslegitimando, assim, vivências divergentes da cisheteronormatividade por meio de uma avaliação moral do que é normal/anormal. O argumento para essa avaliação alinha-se ao discurso religioso, que diz que nós viemos à Terra homem e mulher, conforme a vontade de Deus. Nesse discurso, qualquer prática LGBTQIA+ é antinatural à criação divina.

<sup>24</sup> Em todos os excertos, os grifos são meus e indicam elementos em análise.

Em “*mesmo os gays*” (7), temos mais uma afirmação categórica que revela uma avaliação de inferioridade para a comunidade LGBTQIA+, no sentido de “*até eles não querem isso para seus filhos*”. O mesmo ocorre no excerto (5), em que Rodrigo Constantino, ao dizer que “*era aranha com cobra, hoje em dia é luta de minhocas*”, utiliza metáforas para descrever relações heterossexuais e relações entre dois homens, avaliando negativamente a relação homossexual, ao utilizar a locução adverbial “*pelo menos*”.

Nos trechos analisados, vê-se a identificação negativa de pessoas LGBTQIA+ como inferiores, anormais e com comportamentos indesejáveis pelas famílias. Essas construções reforçam que famílias desaprovem seus filhos LGBTQIA+ por não se enquadrarem em um padrão socialmente referenciado na cisheteronormatividade. Segundo Relatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil<sup>25</sup>, a maioria dos casos de violência contra LGBTQIA+ acontecem dentro de casa, discursos particulares como esse, endossados pelos apresentadores, reforçam o problema social e legitimam práticas de violência contra minorias.

A análise dessas categorias indica dois modos de operação da ideologia, conforme apresentado na metodologia, com base em Thompson (2011). O primeiro modo é a unificação, pois a família é concebida por um fundamento partilhado de princípios morais da cisheteronormatividade, e, assim, cria-se uma construção simbólica de identidade coletiva.

O segundo modo é a legitimação, em que interesses específicos são representados como interesses gerais, por meio da universalização, que representa como legítimas as discriminações contra LGBTQIA+ dentro de casa e na escola. Na legitimação também, temos construções simbólicas pela estratégia de racionalização, a qual o discurso religioso é usado para fundamentar afirmações preconceituosas e desqualificar as relações de gênero e sexo dissidentes.

## **4.2 Interdiscursividade**

A categoria “interdiscursividade” está relacionada ao significado representacional, ligado a maneiras particulares de representar aspectos do mundo a partir de interesses específicos. Fairclough (2003) aponta que diferentes perspectivas de mundo se ligam a campos sociais específicos e a projetos particulares, sendo assim, a

---

<sup>25</sup> Dados disponíveis no Relatório “Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil” - 2020. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/2020>. Acesso em: 22 fev. 23.

disseminação de perspectivas particulares de mundo é uma das formas de assegurar a hegemonia.

A interdiscursividade oferece ferramentas para investigar os discursos (modos particulares de representação) que são articulados ou não nos textos, e as maneiras como são articulados. Os modos particulares de representação podem ocorrer por meio de traços linguísticos. O traço mais evidente é o vocabulário, pois diferentes discursos “lexicalizam” o mundo de maneiras diferentes (FAIRCLOUGH, 2003).

Nos textos em análise, por exemplo, “ideologia de gênero” é o termo usado para representar teorias sociais de gênero e de sexualidade, bem como as reivindicações de movimentos LGBTQIA+ e feministas. Essa representação está relacionada a interesses particulares de atores conservadores para barrar os avanços das pautas de gênero e sexualidade.

Ramalho e Resende (2011, p. 142-143) demonstram que “a categorização influencia os modos como as pessoas agem e pensam sobre uma dada situação, por isso a preocupação com a questão da classificação é essencial.” Termos como “ideologia de gênero” e “kit gay” naturalizam desigualdades e deslegitimam uma série de políticas públicas que visam garantir a integridade física de mulheres e pessoas LGBTQIA+.

Nos trechos a seguir, pode-se identificar outros discursos ideológicos:

- (1) Presidente, na campanha de 2018, muita gente falou “Ai, o Bolsonaro, se ele virar presidente, vão matar os gays”. (Entrevistador 1)
- (2) Quantos o senhor matou, presidente? (Entrevistador 2)
- (3) Mas, agora é “se ele se reeleger é um atentado à democracia, vai ter um golpe”. Queria saber do senhor que tipo de golpe aí é esse que *a turma tá dizendo?* (Entrevistador 1)
- (4) Todo mundo tem seu *patrimônio*, chega um *cara pobre* que não tem nada, o *patrimônio dele é o filho, filha*. (Bolsonaro)
- (5) Bolsonaro rebate as alegações a respeito de uma campanha contra a comunidade LGBTQ+, sendo sua grande prioridade o progresso do Brasil sobre a questão da sexualidade de cada um, e *critica a tentativa de imposição da ideologia de gênero para as crianças nas escolas*. (Rádio Jovem Pan)
- (6) Essa polêmica com gay, na verdade, é questão da ideologia de gênero. Tem um decreto do Lula de 2009, tem 180 itens, um dos itens fala da desconstrução da heteronormatividade, e ali partia para questões todas



voltadas para a comunidade LGBT, e um deles era ideologia de gênero.  
(Bolsonaro)

(7) Bolsonaro diz que adversário principal, Haddad, criou o 'kit gay'. (Rádio Jovem Pan)

(8) Temos uma certa boataria rolando, é só você procurar qualquer faculdade hoje, você vê que as pessoas estão falando a sério que a ditadura vai voltar, que os gays vão ser enforcados nas ruas... (Entrevistador 1)

Nos trechos (1), (2), (3) e (8) os entrevistadores do *Pânico* incluem vozes de movimentos sociais, durante as eleições de 2018, os quais admitiam temer a violência contra LGBTQIA+ e mulheres caso Bolsonaro se elegeisse. Os entrevistadores ironizam esses discursos como se fossem exagerados e desconectados da realidade. No excerto (2), o entrevistador chega a perguntar quantos “gays” Bolsonaro matou.

No trecho (4), há uma hibridização com o discurso econômico, por meio da caracterização dos filhos/as como “patrimônio” dos pais.

Nos excertos (5) e (7), a Rádio Jovem Pan se alia ao discurso contra uma suposta “ideologia de gênero” e “kit gay” nas escolas, legitimando a narrativa de que os materiais contra LGBTfobia nas escolas seriam estímulos para crianças virarem “homossexuais”.

A análise dessa categoria indicou, ainda, dois possíveis modos de operação da ideologia. No excerto (6), Bolsonaro legitima seu discurso LGBTfóbico, ao longo de sua trajetória política, por meio da narrativização do episódio de apresentação do projeto Escola sem Homofobia. Nesse episódio, Bolsonaro inventa uma história de que o PT tinha um projeto alinhado à “ideologia de gênero”, com “180 itens” voltados para desconstrução da heteronormatividade. Essa narrativa serviu para deslegitimar agendas de diversidade sexual e igualdade de gênero e, em contrapartida, legitimar relações de dominação.

O outro modo de operação da ideologia é a fragmentação que, por meio da estratégia de diferenciação, segmenta indivíduos (Lula e Haddad, excertos 6 e 7) e grupos (gays, turma, qualquer faculdade, excertos 1, 3 e 8) que podem representar ameaça ao grupo dominante.

### **4.3 Modos de operação da ideologia**

#### **4.3.1 Dissimulação – Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas**

- (1) O número de mortes dessa população LGBT, por que o pessoal não divulga? Porque tá caindo, e caindo bastante.
- (2) Não existe uma política nossa que é contra gays. Minha política é a favor de todo mundo.
- (3) Não quero saber se o cara tem prazer fazendo isso ou aquilo, não tenho nada a ver com isso, quero mais é que ele seja feliz.

#### 4.3.2 Naturalização – Retratação de uma situação transitória como permanente e natural

- (1) Esse cara quer que o filho seja melhor que ele, e não que ele tenha um comportamento *diferente da normalidade, ao qual ele veio a Terra*.

#### 4.3.3 Fragmentação – Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante

- (1) Então a questão da ideologia de gênero pega forte na nossa sociedade.
- (2) Por isso, você não aprende nada na escola: é questão de ideologia de gênero, é combate à homofobia passando filme de meninos se beijando e meninas se acariciando, não aprende nada na escola!

Em todos os textos analisados, predominam distorções da realidade, a fim de justificar a manutenção dos privilégios da cisheteronormatividade burguesa e patriarcal, e legitimar a violência e discriminação contra corpos dissidentes. A Rádio Jovem Pan tem se mostrado aliada aos princípios bolsonaristas ao disseminar esses discursos sem nenhuma constatação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As agendas de igualdade de gênero e diversidade sexual, desde o princípio, têm sido combatidas por atores e grupos conservadores. Porém, a partir da segunda década do século XXI, a América Latina vem sendo apontada como um cenário de “recrudescimento do conservadorismo religioso e do neoliberalismo” (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 7). Nesse contexto, surgiram atores com perfis ideológicos distintos, mas que tinham como ponto em comum “ignorar e rejeitar as políticas de direitos humanos nos campos da sexualidade e da reprodução”.

A oposição aos avanços dos movimentos sociais formou uma coalizão política de grupos cristãos com setores não religiosos da direita, os quais consideravam os princípios

morais e a instituição da família heterossexual violados pelas demandas dos movimentos feministas e LGBTQIA+.

À luz dos pressupostos teóricos-metodológicos da ADC, analisei como a construção da representação e da identificação de LGBTQIA+ naturaliza e legitima discursos que justificam a perseguição política, a violência física e simbólica, e o cerceamento dos debates sobre justiça social.

A Rádio Jovem Pan se coloca como uma fonte imparcial de informações, mas, nos últimos anos, tem sido defensora fiel do ex-presidente Bolsonaro e da ideologia do bolsonarismo. Com grande alcance de audiência, o grupo Jovem Pan tem contribuído para a produção e difusão de discursos de ódio contra minorias sexuais e de gênero por meio de representações particulares dos LGBTQIA+ como ameaças à família e às crianças, como inferiores e até “anormais”.

Ainda que os movimentos feministas e LGBTQIA+ tenham conseguido direitos na esfera legal, ainda prevalece o discurso e a difusão de estereótipos negativos sobre esses grupos. A proliferação desses discursos tem efeito na violência contra esses segmentos populacionais.

Assim, os estudos críticos do discurso (ECD) se mostram relevantes para desvelar a ideologia por trás desses discursos e a quais projetos particulares essas representações se alinham. Por isso a importância de pesquisas como esta, que discutam as questões de gênero e sexualidade e façam a crítica dessas relações que são socialmente construídas.

## REFERÊNCIAS

BIROLI, Flavia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado. *Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.

FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. Introdução: Dias de um futuro (quase esquecido): um país em transe, a democracia em colapso. *In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.). Brasil em Transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 9-24.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, jan. 2015. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa*. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOITIO, Rafael. “Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. *REBEH*, Vol. 03, N. 10, Abr. – Jun., 2020. p. 80-108.